

ECOSOL ROMPENDO MUROS: A ECONOMIA SOLIDÁRIA EM CONTRAPONTO AO CAPITALISMO ATRAVÉS DE UMA OFICINA FORMATIVA BASEADA EM TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Livia Kelly Soares Silva - Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
Francielli Ferreira de Lima - Instituto Federal da Paraíba (IFPB)
Tatiana Losano de Abreu - Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Submetido em: 17 de fevereiro de 2023
Aceito em: 21 de julho de 2023

Resumo

A oficina “Ecosol: rompendo muros” foi desenvolvida pelo Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários (NUCAES) vinculado ao IFPB campus Guarabira. Ela foi elaborada com intuito de possibilitar em um formato remoto o diálogo sobre o que é Economia Solidária e seu contraponto ao Capitalismo. Para tanto, a oficina foi construída para mostrar de forma prática o funcionamento de uma cooperativa solidária em contraponto uma empresa capitalista de uma forma dinâmica e interativa, utilizando-se de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) enquanto metodologias ativas que se fortalecem após o cenário pandêmico vivenciado pelo mundo entre 2021 e 2022. Deste modo, tem-se o contraponto da propriedade privada dos meios de produção e sua operação com fins lucrativos diferente da cooperativa que o intuito é a prestação de serviços para os seus cooperados, sendo organizada de forma coletiva e através da autogestão. Este trabalho busca descrever esta oficina, construída a fim de propiciar a aproximação da temática a comunidade que ainda desconhece a Economia Solidária e propiciar o acesso amplo ao público que poderá reproduzi-la em espaços formativos específicos. Além disso, traz a avaliação de uma aplicação teste realizada no mês de fevereiro de 2022 a fim de mostrar sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem dos envolvidos. Após a avaliação da oficina foi possível constatar que atinge o seu intuito pedagógico. Mesmo assim, sugere-se a aplicação dela em outros espaços.

Palavras-chave: Economia Solidária; TDIC; Autogestão.

ECOSOL BREAKING WALLS: THE SOLIDARITY ECONOMY AS A COUNTERPOINT TO CAPITALISM THROUGH A TRAINING WORKSHOP BASED ON DIGITAL INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES

Abstract

The “Ecosol: breaking walls” workshop was developed by the Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários (NUCAES) linked to the IFPB Campus Guarabira. It was designed with the aim of enabling a dialogue about what Solidarity Economy is and its counterpoint to Capitalism in a remote format. To this end, the workshop was built to show in a practical way the operation of a solidary cooperative as opposed to a capitalist company in a dynamic and interactive way, using Digital Information and Communication Technologies (TDIC) as active methodologies. In this way, there is the counterpoint of private ownership of the means of production and its operation for profit, different from the cooperative that the intention is to provide services to its members, being organized collectively and through self-management. This work seeks to describe this workshop, built in order to bring the theme closer to the community that is still unaware of the Solidarity Economy and to provide broad access to the public who will be able to reproduce it in specific training spaces. In addition, it brings the evaluation of a test application carried out in February 2022 in order to show its contribution to the teaching-learning process of those involved. After evaluating the workshop, it was possible to verify that it reaches its pedagogical purpose. Even so, its application in other spaces is suggested.

Keywords: Solidarity Economy; TDIC; Self-management

1 INTRODUÇÃO

A Economia Solidária é uma forma diferente de produzir. Consiste, em grupos produtivos que, vinculados a algum setor econômico (produção, serviços, comércio etc.) vivem de acordo com princípios diferenciados, tais como cooperação e autogestão (GAIGER, 2007).

Entre as quatro paredes da sala de aula, muitas vezes a comunidade acadêmica, em especial dos Institutos Federais, desenvolve técnicas e tecnologia desconectadas dos interesses dos grupos populares. De outro lado, temos grupos de Economia Solidária que possuem demandas formativas e de gestão que podem ser sanadas a partir do contato com o conhecimento fomentado nos Institutos Federais. Esta contradição pode ser entendida pela falta de conhecimento da comunidade acadêmica sobre o que é Economia Solidária e as demandas que os trabalhadores da Economia Solidária possuem. Logo, à priori, é preciso que conheçam o que é Economia Solidária e os princípios que a norteiam, para assim conhecer as suas características e dificuldades. Além disso, uma das formas de contribuir para a efetiva educação transformadora (FREIRE, 1987) é atuar nos espaços de construção do saber com propostas educativas que aproximem o estudante das demandas da sociedade, estimulando a formação cidadã.

Diante do exposto, o Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários (NUCAES), núcleo de extensão e pesquisa vinculado ao Instituto Federal da Paraíba - campus Guarabira desenvolveu uma oficina que aproxima o público acadêmico da Economia Solidária. Deste modo, o objetivo da oficina “Ecosol: rompendo muros” foi mostrar de forma prática a diferença da cooperação proposta na Economia Solidária e as empresas capitalistas. Com o intuito de proporcionar aos participantes um momento dinâmico, interativo e participativo, a construção desta oficina se deu a partir do entendimento que as metodologias ativas são aquelas capazes de avançar na reflexão, autonomia e construção coletiva do conhecimento (MORÁN, 2015). Além disso, aproveitando o fortalecimento e popularização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para o desenvolvimento de atividades remotas, foram utilizados alguns desses recursos enquanto ferramentas fortalecedoras de metodologias ativas a serem desenvolvidas de forma remota.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a “Ecosol: rompendo muros” enquanto uma oficina prática e mostrar como o uso das TDICs enquanto metodologia ativa e estratégia de ensino, possibilita que a oficina atinja o seu potencial pedagógico. Assim, é trazido de forma breve a discussão teórica que fundamentou a construção da oficina e o debate acerca das TDIC como ferramenta para metodologias ativas. Nos resultados apresentamos a descrição da oficina com ênfase no uso das TDICs. Vale destacar que a publicização desta oficina nos meios acadêmicos possibilitará a sua utilização nos mais diversos espaços formativos.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA OFICINA

2.1 A Economia Solidária: uma resposta ao sistema desigual capitalista

O Capitalismo é o sistema econômico em que predomina a propriedade privada e a busca constante pelo lucro e pela acumulação de capital, que se manifesta na forma de bens e dinheiro. Como afirma Singer (2002, p.10) “o capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual” ou seja, valoriza-se o individualismo como valor basal.

A base para formação, consolidação e continuidade do sistema capitalista é a divisão da sociedade em classes. De um lado, encontram-se aqueles que são os proprietários dos meios de produção, os empresários. De outro, encontram-se aqueles que vivem de sua força de trabalho, através do recebimento de salários: os trabalhadores. (FERRAZ, 2021).

A divisão em classes específicas constitui a base para o entendimento que essa sociedade é desigual, que a desigualdade de oportunidades é inerente ao sistema econômico capitalista e pode ser visualizada nas mais diversas esferas da vida. Por exemplo, a desigualdade derivada de diferenças educacionais deve ser entendida a partir das forças que favorecem a concentração de capitais nas mãos de uma classe (CONSTANZI, 2007). Por consequência, podemos entender que a classe com acesso a geração da riqueza da sociedade terá mais acesso e melhores condições (de alimentação, transporte, tempo de estudo) para ser educado. Dubet (2001) corrobora com a ideia de que as desigualdades sociais constituem-se como um elemento funcional do sistema capitalista. De fato, esse entendimento foi desenvolvido por Karl Marx (1818 - 1883), importante pensador clássico que se dedicou a estudar a sociedade capitalista. Para Marx (2008) as desigualdades de classes constituem-se

enquanto elemento fundamental, estrutural, do capitalismo, a partir do momento que o capitalismo repousa sobre a extração da mais-valia (riqueza gerada pelo trabalhador no processo produtivo) e transfere a riqueza gerada para os proprietários dos meios de produção. Assim, a acumulação do capital ocorre por meio da exploração do trabalho. Nancy (2015) explica:

A acumulação se dá via exploração. O capital se expande, em outras palavras, não pela troca de equivalentes, como sugere a perspectiva de mercado, mas precisamente por meio do seu oposto: pela não-remuneração de uma porção do tempo de trabalho dos trabalhadores. Igualmente, quando nos movemos, e no final do volume, da exploração para a expropriação, descobrimos um segredo ainda mais sujo: por trás da coerção sublimada do trabalho remunerado, há evidente violência e roubo de fato (NANCY, 2015, p. 712).

Deste modo, tendo como pano de fundo o sistema hegemônico que favorece o individualismo e a competição, é estruturalmente desigual e exploratório, tem-se o seu contraponto: a Economia Solidária.

A Economia Solidária - ES organiza-se a partir dos interesses dos participantes do processo produtivo e não pela busca incessante do lucro, favorecendo as relações onde o laço social é valorizado através da reciprocidade. Adota-se, aqui, formas comunitárias de propriedade, tais como a formalização em associações, cooperativas e até grupos informais que trabalham de forma coletiva (SINGER, 2002). Enquanto no capitalismo impera a competitividade e a motivação das ações estão relacionadas aos interesses e objetivos individuais, na ES a cooperação é utilizada como ferramenta para potencializar a competitividade do empreendimento com seus concorrentes de mercado.

A princípio, é possível afirmar que a ES representa uma forma de produzir alternativa ao que se observa no capitalismo, ao mesmo tempo que se revela como um movimento social (FBES, 2018). Segundo Aleixo (2015, p. 23) a ES se correlaciona com a economia social no sentido de “evitar a separação entre o econômico, o social e o político, pois é na articulação dessas três dimensões que se situa o aspecto essencial da Economia Solidária”.

Os dez princípios que norteiam a prática da ES são: a democracia; a cooperação; a valorização do saber local; a valorização da diversidade; a centralidade no ser humano; a justiça social na produção, na comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico; o cuidado com o meio ambiente e a responsabilidade com as gerações futuras; a autogestão; a emancipação; e a valorização da aprendizagem e da formação permanente

(ABREU; OLIVEIRA, 2021). Enfatiza-se, entre eles, que a cooperação diz respeito ao modo como se darão as interações sociais, como afirma Porto e Opuszka (2015):

A cooperação possui como escopo a contribuição para um processo de interação social dentre aqueles que participam do projeto, faz com que exista uma constante busca por um objetivo comum através de ações compartilhadas, pois ao final, o benefício será repartido entre todos (p. 431).

Outra característica relevante para a Economia Solidária é a prática da autogestão. Segundo Mothé (2009, p. 26) “A autogestão é um projeto de organização democrática que privilegia a democracia direta”. Logo, Mothé (2009) esclarece que quando falamos em autogestão não estamos falando de uma utopia igualitária ou de um poder igual para todos, nem mesmo que todas as ideias e sugestões tem o mesmo valor ou que uma pessoa não pode ter autoridade para decidir algo que afeta a outra. É preciso reconhecer que as pessoas possuem diferentes habilidades, experiências, paixões e níveis de resiliência em contextos específicos. Assim, o autor supracitado defende uma equivalência na definição e aplicação de regras e princípios, assim como uma distribuição equilibrada e transparente de autoridade. O órgão superior em uma autogestão é a assembleia geral, ocupada pela coletividade de trabalhadores onde a tomada de decisão é um processo no qual todas as pessoas estão constantemente realizando de diversas formas, seja no melhor trajeto para o trabalho, na escolha do traje ou restaurante que gostaria de ir.

Outro princípio que merece destaque aqui é a democracia participativa, que é uma forma de democracia em que há o exercício de poder direto do povo, em que há participação inclusive na tomada de decisões políticas. Os autores Da Silva Junior e Vanzella (2017) esclarecem que trata-se de “um processo de articulação coletiva onde as demandas são conciliadas a partir das reflexões participativas de forma isonômica” (p. 106).

Alguns historiadores e estudiosos dizem que a ES surgiu na Grã-Bretanha, durante a Primeira Revolução Industrial (SINGER, 2002). Foi uma reação dos artesãos que perderam seus empregos para as máquinas à vapor, como afirma Collyer (2015, p. 2): “se fortalece enquanto resposta ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção”. Portanto, não se apresenta como um campo novo de trabalho, mas como reação ao capitalismo industrial (SINGER, 2002).

No Brasil, a ES surge, nos anos de 1980, originadas de experiências ocorridas por meios populares rurais e urbanos. No entanto, é a partir dos anos de 1990 que se espalha e

adquire um reconhecimento maior pela sociedade (SANTOS, 2002). Nos anos 2000 se fortaleceu mais ainda, adquirindo status de política pública com a consolidação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Dentro dos espaços acadêmicos, cada vez mais os núcleos de pesquisa e, principalmente, extensão, têm se dedicado e desenvolvido projetos com esse público que, diante da sua heterogeneidade e ampliação nos últimos anos, são público-alvo para as mais diversas áreas do conhecimento, com destaque na área de gestão.

2.1.1 As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) como ferramenta para metodologias ativas

As metodologias ativas podem ser vistas como metodologias de ensino que focam no protagonismo dos estudantes, favorecem a motivação e provocam a autonomia dos envolvidos.

É nessa perspectiva que se situa o método ativo - tido aqui como sinônimo de metodologias ativas - como uma possibilidade de deslocamento da perspectiva do docente (ensino) para o estudante (aprendizagem) [...] é possível inferir que, enquanto o método tradicional prioriza a transmissão de informações e tem sua centralidade na figura do docente, no método ativo, os estudantes ocupam o centro das ações educativas e o conhecimento é construído de forma colaborativa (DIESEL *et al.* 2017, p. 270 e 271)

Para a efetividade das metodologias ativas, é importante estimular a auto aprendizagem e curiosidade dos envolvidos, facilitadas através de atividades contextualizadas e que os estimulem a refletir e analisar possíveis situações de tomada de decisão.

Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos ser criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (...). As metodologias ativas são pontos de partida para avançar para 9 processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas (MORÁN, 2015, p. 17).

Os princípios norteadores das metodologias ativas são, portanto: o aluno enquanto centro do processo de aprendizagem; a autonomia; a problematização da realidade e reflexão; o trabalho em equipe; e a ideia do professor enquanto mediador, facilitar ou ativador do processo de aprendizagem (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) incluem uma variedade de recursos e ferramentas digitais integradas que possibilitam aprimorar o acesso à informação e as formas de interação e comunicação (SCHNEIDER *et al.*, 2020). Segundo

Costa (2003), o uso da TDIC traz benefícios para o desenvolvimento profissional docente, mas, sobretudo, proporcionar situações de aprendizagem inovadoras, que tornam o processo de aprendizagem interessante, como destaca Morán (2015):

Alguns componentes são fundamentais para o sucesso da aprendizagem: a criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, que solicitam informações pertinentes, que oferecem recompensas estimulantes, que combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, que se inserem em plataformas adaptativas, que reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso utilizando as tecnologias adequadas (p.18)

As TDICs surgiram na década de 1960 integrando informática e comunicação. Com o passar das décadas foi evoluindo e ampliando o potencial das mídias mais tradicionais, além de criar novos recursos tecnológicos (REIS, 2007). Hoje, a relação entre tecnologia e indivíduo, que no passado era estabelecida através da relação “um – para todos”, se altera para “Muitos-para-muitos” (CANI *et al.*, 2020) e, além disso, essa relação se torna cada vez mais interativa, explorando diversas linguagens cada vez menos dependentes do tempo e do lugar. Segundo Maximino (2007, p. 2) as TDIC “se conectam à vida dos sujeitos sociais como mecanismos de complementação e extensão do ser”.

Após o cenário pandêmico vivenciado pelo Brasil e o mundo entre os anos de 2021 e 2022, observa-se o fortalecimento do uso das tecnologias digitais para dinamização das atividades acadêmicas. Segundo Cani *et al.* (2020, p. 24) “a pandemia acelerou um processo que já estava em curso: a integração das TDIC com a educação”. Para Smythe e Andrade (2021) o trabalho colaborativo remoto não é necessariamente consequência da pandemia, mas não se pode negar que essa situação tem levado as instituições a se adaptarem através dessas práticas. E, por conta das características que acompanham as TDICs, não é difícil imaginar a sua incorporação no planejamento de diversas metodologias ativas, como a oficina proposta e descrita no decorrer deste trabalho.

As TDCIs podem ser utilizadas em atividades síncronas e assíncronas. As atividades síncronas consistem em momentos remotos ao vivo. As atividades assíncronas ocorrem sem o contato simultâneo com o professor ou outros envolvidos no processo de aprendizagem. A seguir iremos abordar brevemente as três TDIs utilizadas na oficina descrita neste trabalho, a fim de demonstrar suas funcionalidades e, por consequência, justificar a sua utilização:

- I) O *Google meet* é um aplicativo oferecido pela empresa Google que possibilita a interação individual ou coletiva, simultânea, para a criação de videoconferência e aulas realizadas à distância (SANT'ANNA E SANT'ANNA, 2020). Este aplicativo se popularizou diante dos desafios do ensino remoto na pandemia e a falta de uma plataforma educacional centralizada pelas Secretarias da Educação e demais unidades escolares;
- II) O *JsPuzzle* consiste em um site de jogos direcionado a oferecer a possibilidade de fazer quebra-cabeça com as mais diversas imagens e considerando os mais diversos níveis de dificuldade, baseados no número de peças. É possível escolher, além das imagens, o formato das peças, controlar o tempo do jogo e ranquear os participantes; e
- III) O *Jamboard* é uma ferramenta que pode ser utilizada em momentos síncronos e assíncronos. Na prática, substitui o tradicional quadro da sala de aula por um quadro digital colaborativo. Através desta ferramenta é possível criar post-its digitais que possibilitam a exposição de ideias e conceitos das mais diversas formas, a depender da criatividade dos envolvidos no momento pedagógico, além de facilitar explicações sobre qualquer conteúdo e a construção coletiva de algo novo. Os conteúdos são criados em tempo real e simultaneamente entre as pessoas que interagem construindo coletivamente algo novo. Ainda é possível que o material elaborado fique salvo em nuvens (SCHNEIDER *et al.*, 2020).

Ainda em relação a ferramentas de software como o *Jamboard*, Para Smythe e Andrade (2021) elas surgem para redefinir os textos colaborativos, pois, uma construção colaborativa antes acontecia com cada um trabalhando individualmente em seu equipamento, sendo necessário passar pelo processo de uma pessoa escrever, outra revisar e outra formatar. Agora, com o *Jamboard* é possível a interação ativa entre os participantes, um efetivo processo coletivo de criação e geração de novos conhecimentos com o “auxílio de recursos representacionais pré-definidos que permitem a elaboração de representações gráficas” (SMYTHE; ANDRADE, 2021, p. 1141). Os autores consideram o *Jamboard* como uma das principais ferramentas online de facilitadoras da discussão visual e destacam que, além de

apresentar modelos pré-definidos de diagramas, permite inserção de imagens e formas básicas, para posterior compartilhamento em nuvem.

3 METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa aplicada que, ao dirigir-se ao interesse prático de buscar solução para problemas específicos e reais (MARCONI, LAKATOS, 1999), buscou contribuir com a construção de uma oficina que possibilitasse o conhecimento da comunidade acadêmica em torno da Economia Solidária e seus princípios. Como resultado, a oficina “Ecosol: rompendo muros” foi desenvolvida através do uso de TDICs enquanto metodologia ativa e organizada em três momentos: 1º Privilégios e desigualdade: objetiva apresentar o funcionamento da “sociedade das oportunidades”; 2º Exploração do trabalho: objetiva mostrar o cenário de competição do mercado capitalista; 3º Grupos de produção Autogestionado: objetiva mostrar a cooperação na prática, como um dos princípios basais da Economia Solidária. A oficina como um todo dura cerca de duas horas, com no máximo quinze participantes. A oficina é orientada por um grupo de aplicadores que assumem alguns papéis no enredo da oficina. A equipe de aplicadores foi composta por cinco estudantes integrantes do NUCAES. Os papéis desempenhados por eles são descritos nos resultados.

No mês de fevereiro de 2022 foi realizada uma aplicação teste com um público de sete participantes. A escolha do público para a aplicação da oficina se deu de forma aleatória. Foi realizada a divulgação entre os estudantes dos cursos vinculados ao IFPB campus Guarabira e os primeiros interessados participaram da aplicação. Assim, participaram sete estudantes dos cursos técnicos de contabilidade, edificações e informática. Após a oficina, os participantes responderam a uma ficha de avaliação, criada e disponibilizada via *google form*. Esta ficha contou com 11 perguntas, das quais quatro foram fechadas e sete abertas que possibilitam avaliar cada momento da oficina. A tabulação dos dados se deu através do programa Excel. A seguir tem-se o relato descritivo da oficina, com o destaque na intencionalidade de cada momento e no uso das TDICs para o atingimento do objetivo pedagógico. Tem-se também a análise descritiva das avaliações dos participantes sobre cada um desses momentos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A oficina “Ecosol: rompendo muros” tem como objetivo demonstrar de forma prática alguns aspectos do funcionamento das empresas capitalistas em contraponto à autogestão proposta pela ES. A oficina foi desenvolvida de forma remota a fim de sanar as demandas existentes do período da pandemia.

Buscou-se construir junto aos participantes o entendimento do funcionamento da sociedade do capital e a diferença da cooperação proposta na Economia Solidária e as empresas capitalistas. Para tanto, é prevista a utilização de ferramentas remotas, tais como *jspuzzles*, *jamboard* e *google meet*, assim como um limite adequado de quinze participantes. O Quadro 1 resume a intencionalidade de cada momento e a utilização de cada instrumento.

O contexto geral da oficina gira em torno de uma história. Inicia-se com o processo de seleção de trabalhadores por uma empresa capitalista que, ao decorrer da oficina se tornará uma cooperativa solidária. Os participantes são envolvidos no enredo enquanto candidatos e posteriormente trabalhadores da empresa. Tem-se, portanto, a presença de alguns personagens, sendo adequada uma equipe de cinco aplicadores da oficina para exercer as seguintes funções: 1º Presidente (dono da empresa), 2º Gerente de Recursos Humanos (supervisionava os trabalhos), 3º Assistente de Recursos Humanos (supervisionava os trabalhos), 4º Gerente de Marketing (supervisionava os trabalhos), 5º Assistente de Marketing (finaliza os momentos com diálogo).

A história surge de uma oficina desenvolvida e oferecida pelo Núcleo Catalisar de Empreendimentos Solidários (NUCAES) com algumas adaptações, sendo composta de, como já destacado, de 3 momentos, sendo eles: Atividade 01: Privilégios e Desigualdade; Atividade 02: Exploração do Trabalho; e Atividade 03: Grupos de Produção Autogestionada.

QUADRO I: DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS DAS ATIVIDADES QUE COMPÕEM A OFICINA E AS FERRAMENTAS UTILIZADAS EM CADA MOMENTO

Atividade	Objetivo	Ferramentas
PRIVILÉGIOS E DESIGUALDADE	Provocar o pensamento crítico sobre a sociedade dos privilégios, de modo a mostrar que a estrutura da sociedade capitalista fomenta a desigualdade de oportunidades, o que faz questionar sobre a efetividade da meritocracia.	Quebra-cabeça - <i>jspuzzles</i> foram criados tipos de quebra-cabeça diferentes simulando a desigualdade de oportunidades no mercado capitalista.

	Diante dessa sociedade desigual, temos aqueles que precisam trabalhar para sobreviver e aqueles que são os donos das empresas.	
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO	Apresentar o funcionamento de uma empresa capitalista, objetivando estimular a competição entre os grupos, tornando evidente o processo de exploração trabalhista na busca pelo lucro (mais valia).	Sub-salas do <i>google meet</i> para as divisões dos grupos de trabalho da empresa capitalista, estimulados pela competição e a ferramenta virtual <i>Jamboard</i> .
GRUPOS DE PRODUÇÃO AUTOGESTIONADA	Estimular o trabalho em equipe, estimular o pensamento lógico, através da construção de um texto como forma de entender como funciona um trabalho colaborativo, coletivo, aos moldes de um grupo cooperado, autogestionado.	Sub-salas do <i>google meet</i> para favorecer o trabalho coletivos dos grupos definidos em assembleia e o uso da ferramenta virtual, <i>jamboard</i> .

FONTE: DADOS DA PESQUISA (2022)

No primeiro momento o empresário faz entrevista para contratar pessoas para suprir as necessidades da empresa. Os participantes da oficina assumem o papel de candidatos para o trabalho. Como processo de contratação os participantes precisaram fazer um teste usando a ferramenta *jspuzzles*, um quebra cabeça online. Depois do teste, eles são contratados e partem para o segundo passo. No segundo momento da oficina, os operários contratados começam a trabalhar na empresa chamada *Like Marketing*, uma empresa de *marketing*. O empresário passa a primeira demanda de um restaurante japonês, os funcionários (participantes da oficina) têm a tarefa de fazer uma logomarca da empresa e sugerir o nome para o empreendimento do dono do restaurante. Para a realização dessa tarefa os participantes devem usar a ferramenta virtual *Jamboard* e os grupos são divididos em sub-salas do *meet*, possibilitando uma atividade interativa prática entre os participantes¹.

Após essa atividade, o(a) empresário(a) recebe uma ligação anunciando que os investidores não vão mais investir na empresa. Após o término da ligação, o empresário faz

¹ Antes da oficina é necessária a coleta de alguns dados para o cadastro prévio dos participantes no site *Jamboard*. As principais informações são: Nome, Gênero, E-mail e Telefone.

uma reunião e fala sobre o fim da empresa, os contratados ficam desempregados. Neste momento coloca-se em pauta a formação de uma cooperativa, sendo a oportunidade de trazer para a discussão o que é uma cooperativa e, especificamente, uma cooperativa solidária. Utilizando-se novamente a ferramenta *Jamboard*, os participantes são estimulados a construir coletivamente um minitexto e um cartaz de divulgação do novo empreendimento. Nesta cooperativa as decisões são tomadas por todos, de forma democrática. Ao contrário dos momentos anteriores, agora os participantes têm voz e opinam na assembleia. Por fim, encerra-se com uma roda de conversa.

A seguir, descreve-se com mais detalhes cada momento da oficina, assim como resgata-se a avaliação de um grupo que participou de uma aplicação teste no mês de fevereiro de 2022 e posteriormente responderam uma ficha de avaliação.

4.1 ATIVIDADE 01: PRIVILÉGIOS E DESIGUALDADE

O primeiro momento tem intuito de provocar o pensamento crítico sobre a sociedade dos privilégios, de modo a mostrar que a estrutura da sociedade capitalista fomenta a desigualdade de oportunidades, o que faz questionar sobre a efetividade da meritocracia.

A oficina inicia com entrevista para selecionar os futuros trabalhadores da empresa *Like Marketing*. Neste momento os aplicadores incorporam os personagens, com a participação de um presidente e de gerentes. Os participantes vão ter que fazer um quebra cabeça disponível pela ferramenta *jspuzzles*. O quebra cabeça disponibilizado para cada participante possui diferentes tamanhos e graus de dificuldades. Eles não terão as mesmas oportunidades, alguns terão que fazer um quebra-cabeça mais fácil, com menos peças e com acesso às imagens do quebra cabeça montado, já outros terão a mesma tarefa, só que os recursos não serão os mesmos, já que os quebra-cabeças podem ter mais peças e nem todos terão acesso a foto dele montado.

Neste momento da oficina, propõe-se a ferramenta *jspuzzles* por ser um instrumento que consiste em um site de jogos direcionado a oferecer a possibilidade de fazer quebra-cabeça com as mais diversas imagens e considerando os mais diversos níveis de dificuldade, baseados no número de peças. É possível escolher, além das imagens, o formato das peças, controlar o tempo do jogo e ranquear os participantes. Através desta ferramenta é possível, portanto, simular de forma prática a desigualdade de oportunidade no mercado.

Deste modo, busca-se mostrar que a vida no mercado de força de trabalho na sociedade capitalista está imersa em desigualdades e nem todos têm oportunidades iguais, como evidenciou Constanzi (2007) e Dubet (2001).

Estima-se que essa parte da dinâmica tenha duração de trinta minutos. Durante a sua aplicação teste e para melhor utilização do quebra cabeça foi disponibilizado um vídeo explicando sobre a ferramenta. A atividade como um todo ocorre no *google meet*. Para finalizar esse primeiro momento, os aplicadores estimulam a reflexão sobre o ocorrido ao qual impulsiona o debate sobre a vida no mercado de trabalho capitalista. Propõe-se algumas questões estimuladoras do debate, como: “Vocês acham o processo de seleção justo?”

4.1.1 O resultado das avaliações referente a Atividade 1: Privilégios e Desigualdades

Após a aplicação da oficina os entrevistados foram questionados sobre qual a mensagem que essa atividade passou para eles. Do total dos participantes da aplicação teste, a maioria concordou que a atividade atingiu o seu objetivo pedagógico, apenas um participante discordou, entretanto não trouxe o motivo da discordância. Quando questionados sobre o primeiro momento, Privilégios e Desigualdade, destaca-se os seguintes comentários:

Um momento de muitas contribuições. Porém, a mensagem que cada vez mais precisamos dialogar é entender todos os lados, mas também, de como as oportunidades são ímpares a cada indivíduo. (PARTICIPANTE 1)

Foi muito interativo e levou a uma reflexão muito importante sobre o processo seletivo de uma empresa e as diferentes oportunidades que cada candidato tem de ser funcionário. (PARTICIPANTE 2)

Pude perceber que há diversos fatores que influenciam no que se diz respeito o alcance dos objetivos de determinada pessoa, **cabe a organização ou empresa entender qual é a realidade de cada empregado para que todos possam atingir os seus objetivos de igual modo** (PARTICIPANTE 3, grifo nosso)

Em relação às respostas dos participantes observa-se que os mesmos descrevem que o momento não se trata apenas de um jogo, se trata da realidade que vivenciamos na sociedade já que as oportunidades são diferentes para algumas pessoas, umas são menos favorecidas, enquanto outras têm mais oportunidades. Vale lembrar que a desigualdade percebida pelo participante da entrevista é estrutural desse sistema hegemônico, o capitalista (MARX, 2008).

Os entrevistados 1 e 2 perceberam, através da atividade, que a sociedade das oportunidades no capitalismo na verdade é uma sociedade desigual nas oportunidades. Já o

entrevistado 3 mostra pelo seu comentário que empresas têm a responsabilidade social de entender que cada participante do processo seletivo tem realidades diversas, apesar desse anseio do personagem três sabe-se que na sociedade capitalista isso não ocorre porque a empresa estimula a competição e ela é uma forma de atingir apenas aqueles privilegiados.

4.2 ATIVIDADE 02: EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

Este segundo momento da oficina tem duração prevista de cerca de quarenta e cinco minutos. Aqui o empresário explica como funciona a empresa e fala sobre as demandas para os novos contratados. Nessa tarefa, será dada uma bonificação salarial para aqueles que se saírem melhor, com a melhor proposta de logomarca. Nesse caso, aqueles que não obtiverem êxito na tarefa, permanecerão com o mesmo montante salarial. Para a realização dessa atividade, os participantes da oficina assumem o papel de trabalhadores contratados, são divididos em sub salas do *google meet*. Nelas eles trabalharão em equipe para elaboração das logomarcas, mas estarão em competição entre si e entre os grupos.

O tempo estipulado para a criação da logomarca é de 7 minutos e eles estarão na companhia de um dos gerentes (aplicadores da oficina), sendo fiscalizados e pressionados a serem eficientes. Esse momento conta com a ferramenta virtual *Jamboard*, uma lousa interativa que possibilita fazer uma interação virtual com grupos de pessoas, podendo ser usada de forma de conjunto as ideias, onde o espaço tem várias contribuições que facilitam um melhor trabalho, como destaca Schneider *et al.* (2020).

Na aplicação teste desta oficina, antes de começar a atividade em si foi apresentado um vídeo de elaboração própria mostrando como usar a ferramenta *Jamboard*. Somente após essa orientação os participantes foram separados nas sub salas do *google meet*.

Após a construção das propostas e logomarca, o dono da empresa verifica os trabalhos feitos pelos participantes para ver qual seria o grupo que teria o aumento no salário. A divisão da bonificação se dá usando a ferramenta virtual *Jamboard*. O grupo com a melhor logomarca recebe um aumento salarial, entretanto parte maior dessa bonificação é repassada ao gerente do grupo.

Por fim, foi feita a repartição do dinheiro para as equipes, é o momento de adentrar em uma roda de conversa sobre o que foi sentido pelos participantes durante esse momento específico da oficina, com o objetivo de dialogar sobre a forma de trabalho e como se dá a

repartição dos lucros nas empresas capitalistas. São sugeridas algumas questões norteadoras do debate: Vocês gostaram da forma que foram tratados na empresa? É justo o salário que vocês receberam e o que o empresário lucrou com a força de trabalho de vocês? Qual a visão de vocês sobre o capitalismo na sociedade.

4.2.1 O resultado da avaliação sobre a Atividade 2: Exploração do Trabalho

Após a aplicação da oficina, os personagens foram questionados sobre qual a mensagem que essa atividade passou para eles. Dos participantes da avaliação, todos concordaram que essa atividade atingiu o seu objetivo pedagógico. Quando questionados sobre o segundo momento, Exploração do Trabalho, destaca-se os seguintes comentários:

A atividade 2 teve como objetivo principal mostrar **a pressão que funcionários recebem dos seus superiores**. (PARTICIPANTE 1, grifo nosso)

O segundo momento foi criativo a ideia da logo do estabelecimento foi muito legal, mas esse momento trouxe outra **reflexão importante na hora da divisão dos salários**. (PARTICIPANTE 2, grifo nosso)

A forma que a empresa ativa **a competição em seus funcionários**. (PARTICIPANTE 3, grifo nosso)

Em relação aos comentários dos participantes destacados acima, observa-se a semelhanças entre as suas respostas sobre exploração do trabalho trazida para o primeiro momento. Essa parte da atividade os fez questionar sobre a forma de como ocorre tudo dentro das empresas capitalistas, a pressão sofrida pelos funcionários, evidenciado pelo participante 1 a forma desigual na hora de repartir o dinheiro observado pelo participante 2. O participante 3 demonstra uma angústia em ter uma forma de organização do trabalho com maior equidade. Ele percebeu que na sociedade capitalista existe uma hierarquia injusta entre empregado e patrão e que essa equidade que ele está buscando nos comentários só vai ser vista no empreendimento de economia solidária, na economia solidária não existe patrão e empregado, todos são donos do empreendimento. Como destaca Singer (2002) o capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual. Todas as observações trazidas pelos participantes fazem parte do que é visto hoje, no capitalismo.

4.3 ATIVIDADE 3: GRUPOS DE PRODUÇÃO AUTOGESTIONADA (COOPERATIVA)

Nesse terceiro momento o empresário recebe uma ligação e, ao término dela, o dono convoca uma reunião e anuncia o fim da empresa. Com a falência da empresa *Like Marketing*, todos trabalhadores desta empresa ficam desempregados, até que um dos personagens (um dos aplicadores da oficina) sugere a formação de uma cooperativa. Neste momento é possível dialogar com os participantes sobre o que é uma cooperativa solidária, economia solidária e temas adjacentes.

Com o primeiro passo dado - a constituição da cooperativa solidária - é realizada a primeira reunião para se discutir os próximos passos, e as atividades a partir desse momento ocorrem em formato de assembleia. Os participantes decidem, portanto, em conjunto, desenvolver uma atividade coletiva cuja proposta é fazer um mini texto e uma logomarca de uma campanha. Aqui propõe-se o uso da ferramenta *Jamboard* para fazer a logomarca que busca divulgar a cooperativa solidária. A ideia é que, na medida que demandas, dúvidas ou sugestões surjam por qualquer um dos participantes, que se tenha uma nova reunião em formato de assembleia para a construção coletiva e autogestionária.

Na aplicação teste desta oficina, foi definido pelo coletivo um prazo de dez minutos para entregar e a divisão em dois grupos de trabalho formados a partir do interesse individual de cada um. Assim, cada grupo fica com uma tarefa e os participantes devem decidir em qual grupo entrar, a depender da tarefa que quer desempenhar. Após o término da atividade, todos voltam a se reunir e ocorre a socialização das tarefas desempenhadas em cada grupo, com possibilidade de ajustes, incorporações e alterações, a depender do consenso do grupo

Por fim é simulado o recebimento do primeiro pagamento pelo serviço da cooperativa. É explicada a importância de retirar os valores referentes ao custo da produção e estimulado o debate para definição conjunta de como será repartida as sobras entre os trabalhadores.

Ao término, é estimulada uma roda de conversa para analisar a cooperativa e a diferença entre cooperativa e empresas capitalistas. Para finalizar esse terceiro momento, os aplicadores estimulam a reflexão sobre o ocorrido ao qual impulsiona o debate, são sugeridas algumas questões norteadoras do debate: O que chamou atenção? Como foi trabalhar em união sem ter competição? Qual foi a diferença que vocês sentiram no segundo momento para essa do terceiro momento?

4.3.1 O resultado da avaliação sobre a Atividade 3: Grupos de Produção Autogestionada

Após a aplicação da oficina os contribuintes foram questionados sobre qual a mensagem que essa atividade passou para eles. Dos participantes da avaliação, 100% alegaram que essa atividade atingiu o seu objetivo pedagógico. Quando questionados sobre o terceiro momento, Grupos de Produção Autolesionada, destacam-se os seguintes comentários:

Sobre esse terceiro momento o que mais me chamou atenção foi a ideia do cooperativismo e **da divisão de cargos e valores**, gostei bastante das ideias e da forma como foi aplicada na dinâmica. (PARTICIPANTE 1, grifo nosso)

Que trabalhando de forma cooperativa torna o ambiente mais apto e menos estressante. (PARTICIPANTE 2)

Foi um dos melhores momentos, não tínhamos uma competição, apenas nos juntamos para fazer a melhor logo e a melhor frase da nossa cooperativa. Sendo assim, pudemos observar que a implantação da economia solidária é um jeito diferente de produzir, vender, **comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.** (PARTICIPANTE 3., grifo nosso)

A partir dos comentários acima percebe-se que o entendimento sobre um empreendimento solidário está presente nas falas. O participante 1 destaca os valores diferenciados e a forma de divisão desse tipo de sociedade que é feito de forma coletiva. Vale lembrar no que o grupo de economia solidária que se diferencia da empresa capitalista, como destaca Aleixo (2014), o que diferencia o empreendimento cooperativo do capitalista é a influência da cooperação dos trabalhadores na cooperativa que dispõe da prática da autogestão para realizar as ações comuns, além do comprometimento com a diferença que não é pela exploração da mão de obra.

Já o participante 2 observa a partir da organização coletiva que o trabalho pode ser realizado de forma calma e sem estresse a qual se tem em uma empresa capitalista que estimula a computação entre os participantes. O participante 3 fala em aspectos gerais tudo que uma cooperativa faz, a forma de sua visão compartilhada e confortável de se trabalhar, sem levar vantagem dos outros. Vale lembrar o que Aleixo (2015) traz essa ideia no próprio conceito de economia solidária.

Em relação a oficina como um todo, os participantes foram questionados sobre qual a diferença entre uma empresa capitalista e cooperativa solidária, e alegaram que:

Principalmente nas tomadas de decisões, uma capitalista, o poder decisório é mais centralizado visto que na cooperativa, se dá de forma menos "monopolizada". (PARTICIPANTE 1, grifo nosso)

A principal diferença é que na empresa capitalista o trabalho é da maior parte dos funcionários e o lucro fica com as autarquias, donos da empresa. Já em uma cooperativa solidária os trabalhos e lucros são divididos de forma mais justa, pois todos são donos e também responsáveis pela empresa. (PARTICIPANTE 2)

Enquanto a economia capitalista visa o lucro como forma de continuar sobrevivendo na economia de mercado, a economia solidária se questiona a **quem o excedente deve servir para a perpetuação do empreendimento no mercado ou para a perpetuação do ser humano em seu contexto integral.** (PARTICIPANTE 3, grifo nosso)

Pode-se observar que os participantes analisaram que uma das diferenças principais entre a cooperativa solidária e capitalista, é que, as formas de decisões são coletivas. Ou seja, a Economia Solidária tem uma característica relevante que é a prática da autogestão. Segundo Mothé (2009) A autogestão é um projeto de organização democrática que fortalece a democracia direta, assim o órgão superior em uma autogestão é a assembleia geral, ocupada pela coletividade de trabalhadores onde a tomada de decisão é um processo no qual todas as pessoas estão constantemente realizando de diversas formas.

Outro ponto observado por eles foi a questão da repartição coletiva na cooperativa. No capitalismo impera a competitividade, onde a motivação das ações são os interesses e objetivos individuais, na ES a cooperação é utilizada como ferramenta para potencializar a competitividade do empreendimento com seus concorrentes de mercado.

Todos os participantes gostaram. Foi obtido *feedback* positivo sobre a oficina. Os comentários de alguns participantes destacam-se a seguir:

Foi Show. De forma presencial e com mais tempo, poderia ser algo mais dinâmico, podendo até de fato criar situações de encenações, a partir da temática. Porém, foi massa! (PARTICIPANTE 1)

Toda a oficina em si foi extremamente introdutória e didática, infelizmente por estamos em tempos de pandemia não podemos aproveitar ao máximo a oficina. (PARTICIPANTE 2)

A partir da análise geral dos comentários do questionário, foram obtidas respostas positivas e compreensivas do entendimento deles em cada momento, a forma que eles entenderam alcançou as expectativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina “Ecosol: rompendo muros” conseguiu alcançar o seu objetivo de forma eficiente e prática, trazendo de forma remota os três momentos Privilégios e desigualdade, Exploração do trabalho e Grupos de produção autogestionada. Para tanto, a oficina prevê o uso de ferramentas de interação remotas, tais como *Jamboard*, o *jspuzzles* e o *google meet*. O momento um tem objetivo de apresentar o funcionamento da “sociedade das oportunidades”, já o segundo momento objetiva mostrar o cenário de competição do mercado capitalista e o terceiro momento mostra a cooperação na prática, como um dos princípios basais da Economia Solidária.

Vale destacar que a oficina foi planejada e aplicada por estudantes vinculados ao NUCAES, após um amplo processo de aprendizagem e criação de autonomia. Na verdade, a construção da oficina constitui-se enquanto um rico processo de aprendizagem e construção coletiva, tanto em relação aos princípios da Economia Solidária, mas principalmente no refletir sobre como desenvolver atividades práticas que representem os principais princípios. O aprender a prática do uso das TDIC e sua aplicação da oficina foi uma etapa desafiadora.

Por fim, a partir da avaliação de uma aplicação teste da oficina, foi possível observar que em geral cada momento tem potencial de atingir o objetivo proposto. Adaptações à oficina são bem-vindas, principalmente se possibilitar maior dinâmica e integração dos participantes. Adaptação para aplicação presencial também é possível e interessante.

REFERÊNCIAS

ABREU, Tatiana Losano de Abreu; OLIVEIRA, Alysson André Régis. **Economia Solidária: contribuições para a formação omnilateral de caráter emancipatório dos empreendimentos econômicos solidários**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

CANI, Josiane Brunetti; SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron; SOARES, Gilvan Mateus; SCALZER, Kamila. Educação e COVID-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” PELAS TDIC. **Revista Ifes Ciência**. V. 6, 2020, p. 23-39. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ric/article/view/713>. Acesso em: 08 nov. 2022.

COSTA, F. A. Ensinar e aprender com tecnologias na formação inicial de professores. In: **Colóquio da AFIRSE**, 12., 2003, Lisboa. Atas [...] Lisboa, AFIRSE Portugal e Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2003. p. 1-14. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228599406_Ensinar_e_aprender_com_tecnologias_na_Formacao_Inicial_de_Professores Acesso em: 08 nov. 2022.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos. MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**. V. 14, n. 1, 2017, p. 268-288. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **O que é Economia Solidária**. 2018. Disponível em: <https://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>. Acesso em: 08 nov. 2022.

LEAL, K. S. L.; RODRIGUES, M. de S. Economia Solidária: conceitos e princípios norteadores. **Revista Humanidades e Inovação**, v.5 n. 11, 2018, disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/844>. Acesso em: 08 nov, 2022.

MAXIMINO, Mayara Ewellyn Sá. Tecnologias digitais no contexto históricocultural: conexões entre cultura, tecnologia e educação. In: **Anais do Congresso Universidade, Educação a Distância e Software Livre**, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueads/article/view/12218> Acesso em: 08 nov. 2022.

MARX, K. H. **O Capital**. 25 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2008.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelis Elisa Torres (Org) **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. V. 2, PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf Acesso em: 08 nov. 2022.

REIS, Cláudia O'Connor dos. **Fotologs artísticos: análise do papel do artista em um meio comunicacional**. 2007. 85f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

SANT'ANNA, Fátima Fuganholi Abiuzzi; SANT'ANNA, Daniel Vieira. google meet como modalidade de ensino remoto: possibilidade de prática pedagógica. In: **Anais Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**. 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1787/1424> Acesso em: 04 abr. 2022.

SHENEIDER, Eduarda Maria; LIMA, Bárbara Grace Tobaldini de; TOMAZINI NETO, Bruna Cristina; NUNES, Silvana Aguero. O uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC): Possibilidades para o Ensino (não) presencial durante a Pandemia COVID-19. **Revista Científica Educação**, v. 4, n. 8, out. 2020. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCE_96d65c1d70b80aa07ce18d33d71b0012 Acesso em: 08 nov. 2022.

SINGER, a **Economia solidária no Governo Federal**, p.3-4 disponível em: [PaulSinger.pmd \(ipea.gov.br\)](#) acesso em: 24 de ago .2004.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SMYTGE, Kelli C. A. S; ANDRADE, Rafael de Castro. Estudo comparativo de ferramentas colaborativas online para facilitação visual. In: **Anais do 10º CIDI e 10º CONGIC**. 2021.

Disponível em:

<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/cidiconcic2021/088-353236-CIDI-Tecnologia.pdf> Acesso em: 04 abr. 2022.